



Centro Universitário de Brasília – CEUB
Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais – FATECS

ELLEN CHRYSTINA DA SILVA TRAVASSOS

MEMORIAL DA REPORTAGEM “A URNA NO ALTAR”
Uma reflexão sobre influência, religião e política partidária

Brasília
2022

ELLEN CHRYSTINA DA SILVA TRAVASSOS

MEMORIAL DA REPORTAGEM “A URNA NO ALTAR”
Uma reflexão sobre influência, religião e política partidária

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – CEUB.

Orientador: Prof.º Dr. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília
2022

ELLEN CHRYSTINA DA SILVA TRAVASSOS

**MEMORIAL DA REPORTAGEM “A URNA NO ALTAR”
Uma reflexão sobre influência, religião e política partidária**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a conclusão do curso de Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – CEUB.

Orientador: Prof.º Dr. Luiz Cláudio Ferreira

Brasília, 8 de dezembro de 2022.

Banca examinadora

**Prof.º Dr. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador**

**Prof.º Dr. Gilberto Gonçalves Costa
Examinador**

**Jornalista Rose Angélica Nascimento
Examinadora**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, a Deus, por sempre me surpreender com tamanho amor e bondade todos os dias. Nos momentos de maior caos dentro e fora de mim durante a minha jornada, ele sempre esteve presente.

Agradeço a toda minha família, pelo apoio e confiança desde os primeiros rascunhos e relances de ideia. Em especial, a minha mãe Chrystiane, que esteve comigo e me apoiou em todos os momentos. Ao meu pai, Elenilson, que hoje não está mais entre nós, mas sempre acreditou no meu potencial e por ter sido a minha maior inspiração pela garra e força que tinha. Aos meus avós, José Wellington e Juenir, que partiram pro céu por conta da pandemia, mas sempre me apoiaram, torceram pelo meu sucesso e contavam os dias para me ver na tela da televisão.

Aos meus amigos, que entenderam minhas pequenas ausências e estavam disponíveis para ouvir, conversar, rir, chorar, encorajar e espairecer, sempre que necessário. Isso foi muito importante para a conclusão deste trabalho, amo cada um de vocês! Ao meu namorado, Felipe, por sempre entender e me estender o braço quando precisei, obrigada por todo carinho.

Ao meu orientador, Luiz Cláudio, que todos os dias ensina os alunos que o jornalismo é mais do que fatos, e por sempre trazer o lado mais humano para a vivência em sala de aula. Agradeço a paciência, o carinho e a parceria em toda graduação. Por ter me desafiado a tratar de temas difíceis e me encorajar a fazer o jornalismo de uma forma única, obrigada por acreditar em mim. Agradeço também a todos professores, chefes e colegas de estágio que foram fundamentais na minha trajetória, e por sempre estarem dispostos a me ensinar. Os últimos anos trouxeram desafios inimagináveis e ao lado de vocês foi possível vencê-los.

Aos entrevistados da reportagem, por se dispuserem um tempo para contarem um pouco da sua opinião, vocês foram essenciais para o trabalho que apresento hoje.

Obrigado pela paciência a todos que em algum momento fizeram parte, durante esses anos, e que de alguma maneira me influenciaram para a escolha e pela continuidade do curso. Professores, chefes, estagiários, colegas, funcionários, família, amigos do colégio, amigos de longa data, amigos da faculdade e aos amigos que levo e levarei para sempre. Agora a vida (re)começa!

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever” Clarice Lispector

RESUMO

Este é um memorial referente à grande reportagem multimídia, constituída de texto, fotos e vídeos, intitulada de “A urna no altar: a política partidária nas igrejas ao redor de Brasília”. O objetivo é demonstrar o uso desse tipo de produto jornalístico para informar e sensibilizar as pessoas a respeito de propagandas eleitorais dentro das igrejas evangélicas durante a eleição de 2022. Algumas partes fundamentais da área do Jornalismo serão exploradas, dentre eles: a investigação, os múltiplos pontos de vista entre os frequentadores de um mesmo ambiente e de especialistas. O trabalho foi elaborado durante o último semestre da faculdade de Jornalismo como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O resultado do produto está disponível em: <http://www.aurnanoaltar.com.br/>.

Palavras-chave: grande reportagem; jornalismo literário; eleições 2022 no DF; evangélicos na política

ABSTRACT

This is a memorial referring to the great multimedia report, made up of text, photos and videos, entitled “The urn on the altar: party politics in the churches around Brasília”. The objective is to demonstrate the use of this type of journalistic product to inform and sensitize people about electoral propaganda within evangelical churches during the 2022 election. points of view between users of the same environment and specialists. The work was elaborated during the last semester of the Faculty of Journalism as a Course Completion Work (TCC). The result of the product is available at: <http://www.aurnanoaltar.com.br/>.

Palavras-chave: great reporting; literary journalism; 2022 elections in the DF; evangelicals in politics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A GRANDE REPORTAGEM	10
1.1 Jornalismo Interpretativo e o Jornalismo Literário	11
2 JORNALISMO INVESTIGATIVO	12
3 A NARRATIVA DIGITAL	14
3.1 Características do Webjornalismo	14
4 DIÁRIO DE BORDO	16
4.1 Pré-produção	16
4.2 Produção	16
4.3 Pós-produção	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS	19

INTRODUÇÃO

Este memorial apresenta o processo de produção da grande reportagem: “A urna no altar: a política partidária nas igrejas ao redor de Brasília”, a propaganda eleitoral em igrejas nas regiões administrativas próximas à capital. No caso, a propaganda nas casas de Deus são realizadas de forma implícita, e em alguns casos, de forma explícita para todos que frequentam o ambiente.

Com o intuito de propor reflexões sobre os limites da igreja em relação à política partidária, a reportagem investiga os pastores que foram candidatos na eleição de 2022 que usam o altar da igreja como palanque, e tem o poder da palavra em ambientes onde fiéis frequentam para ouvir uma palavra de conforto e esperança.

Nesse contexto, a matéria se insere em uma conjuntura em que o tempo e o espaço se tornam importantes. O ano de 2022 e a cidade de Brasília, ambiente que concentra política e o ano de eleição de congressistas e também da presidência do país, a propaganda dos candidatos se torna mais comum, principalmente dentro de ambientes que possuem maior credibilidade da população. Esse tipo de propaganda se repete nas igrejas espalhadas pelo país e com a mesma abordagem.

A ideia de se questionar a parcialidade dos candidatos à Câmara Legislativa do Distrito Federal e do Congresso Nacional surgiu após o acompanhamento de notícias do atual presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, e sua forte relação com a igreja, e principalmente com os evangélicos. Na campanha de 2018, é possível lembrar que o presidente tinha como lema “Deus, pátria e família”.

Devido a essa forte relação com os evangélicos, diversos artigos e pesquisas apontaram que esse foi o fator fundamental para que Bolsonaro ganhasse o cargo na presidência, como apresenta Fuks e Ferreira (2018) e desde então, muitos apoiadores e candidatos a outros cargos aproveitaram dessa artimanha para conseguir mais votos da população.

Mais do que tratar sobre política, a reportagem mostra o lado das pessoas que frequentam a casa de Deus, como elas se sentem diante das palavras faladas de cada pastor, e de que forma a sociedade pode ser alienada ao ponto de não perceber a influência do ambiente em que convivem.

Após uma breve pesquisa realizada no site de divulgação de contas de candidatos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as igrejas Ministério da Fé, Núcleo

da Fé e Sara Nossa Terra foram escolhidas para a produção da reportagem devido a presença de candidatos como pastores e apóstolos dos ambientes citados.

Em relação à linguagem, optei pela busca de elementos do jornalismo literário, que também serviram para chamar atenção do leitor para um olhar mais crítico em relação aos discursos feitos dentro da igreja.

Wolfe (2005), em *New Journalism*¹, traz o intuito da nova onda de somar características literárias com a tradicional objetividade das notícias, e, assim, narrar a história como um acontecimento pessoal, e não apenas um fato. Sendo assim, é essencial trazer a perspectiva de como seria entrar na igreja e de fazer o leitor se sentir entre os demais fiéis que estão presentes no culto.

Para construir e explorar a narrativa, realizei entrevistas com cada personagem para expressar a opinião sobre o assunto, seja ela contra política partidária na igreja ou a favor. Além disso, a reportagem investigou diversos cultos que ocorreram durante o período de campanha eleitoral de 2022.

O objetivo geral é entender como se dá a relação entre a religiosidade e a política partidária; a ligação entre os fiéis e os pastores; observar o pensamento crítico do fiel em relação a casa de Deus. Estudando a linguagem e toda a dinâmica, tais aspectos foram documentados em texto, áudio, vídeos e fotografias nas igrejas Ministério da Fé, Núcleo da Fé e Sara Nossa Terra, situadas respectivamente em Taguatinga Norte, Núcleo Bandeirante e Sudoeste, para a produção da reportagem.

Desse modo, apresentar a propaganda política numa situação do cotidiano da população cristã teve como objetivo instigar o olhar crítico do leitor a um retrato e um recorte da política durante a eleição deste ano de 2022. Uma vez que “o repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser o ouvido e olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante” (LAGE, 2003, p. 9).

¹ O *New Journalism*, ou Novo Jornalismo, foi um movimento iniciado nas redações dos Estados Unidos na década de 1960, que trouxe uma forma de escrita jornalística não convencional para a época. Os profissionais utilizavam elementos literários ao fazer jornalístico, desafiando a objetividade, valorizando os diálogos, histórias cena a cena, diferentes visões de diferentes personagens sobre o mesmo fato, registro de gestos, hábitos, roupas, entre outros detalhes. O manifesto foi escrito por Tom Wolfe em 1973.

1 A GRANDE REPORTAGEM

A notícia² está em primeiro plano. A reportagem³ está em um cenário aprofundado. A notícia é quando você molha o pé no raso do rio e prefere não se aprofundar. A reportagem é quando prioriza o mergulho, e deixa o conforto de lado. A notícia é o *breaking news* que vemos na televisão. A reportagem é uma investigação que demora semanas ou até mesmo meses, como podemos ver no filme *Spotlight: segredos revelados*.⁴ A notícia pode ser feita dentro das redações. A reportagem necessita do contato. Olho no olho. O fator espaço-tempo determina qual conteúdo será produzido.

O jornalismo remonta fatos da realidade. Neste memorial, o gênero “grande reportagem” pretende explicar a relação política partidária com os fiéis de igrejas evangélicas através do texto “A urna no altar” que acaba sendo mais forte na época de eleições, como ocorreu neste ano de 2022. Referência em termos de conteúdos aprofundados e detalhados, a grande reportagem quebra barreiras do cotidiano informacional. O impacto do imediatismo que vivemos com a evolução da tecnologia causou um grande impacto na produção jornalística, que mudou a criação de informações nos veículos de comunicação.

É preciso distinguir a “grande reportagem” de uma “reportagem grande”. A segunda é uma notícia ou artigo jornalístico que tenha uma explicação extensa do fato ocorrido durante a escrita do texto. Dessa forma, não apresenta densidade do conteúdo descrito e nem se aprofunda no tema. No outro lado, temos a grande reportagem que se utiliza de características do jornalismo literário, que busca trazer a narrativa aprofundada para chamar atenção do leitor a um olhar mais humano e crítico ao viés da situação apresentada.

A narrativa se equipara à literária, mas, não é literatura. A sensibilidade é indispensável, envolver o leitor se torna essencial. O gênero da grande reportagem atinge espaços inimagináveis. Ele pode permanecer na mente do leitor e gerar mudanças. O caminho percorrido durante a produção terá como foco a coleta do

² Notícia pode ser definida como o puro registro dos fatos, mas sem entrevistados (MEDINA, 2001, p. 54)

³ Reportagem é o relato ampliado de um acontecimento, em que o jornalista vai ao local para apurar os fatos. (MEDINA, 2001, p. 54)

⁴ *Spotlight: segredos revelados* é um filme onde um grupo de jornalistas investiga o abuso de crianças por padres católicos, acobertados pela Igreja. Eles conseguem reunir documentos que podem provar os crimes cometidos e o envolvimento de líderes religiosos que tentaram ocultar os casos.

maior número de documentos, dados e entrevistas possível. Durante a elaboração da grande reportagem “A urna no Altar” foram entrevistados sete personagens, um sociólogo, um cientista político, três advogados especialistas em direito eleitoral e três estudiosos da Teologia, somando ao total de 15 entrevistas⁵, o que normalmente seria inviável ao falarmos de uma notícia ou até mesmo de uma reportagem grande.

Kotscho (2000) relata que a grande reportagem é elaborada para “explorar um assunto em profundidade, cercando todos os seus ângulos”. Por conta disso, uma grande reportagem pode apresentar custos mais altos para os jornais, e humano por conta do repórter ter que “mergulhar” no tema proposto. A carência de investimento explicaria a falta de priorização para o gênero no país.

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia, e por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. Deve ficar bem claro, porém, que não basta a paixão. A responsabilidade de quem parte para uma grande reportagem é também muito grande para o profissional. (KOTSCHO, 2000, p. 71-72).

Normalmente essa temática é abordada por revistas, jornais e programas de televisão que são semanais, por estarem acostumados com uma deadline maior, como uma das maiores referências no mercado jornalístico, a revista *Piauí*, onde mensalmente, são divulgadas grandes reportagens através da plataforma online e através da revista impressa.

1.1 Jornalismo Interpretativo e o Jornalismo Literário

Pena (2006, p. 21) define o jornalismo literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional”. O tempo passa, a realidade se transforma, mas a melodia permanece na mente. É mais fácil lembrar de uma música ou de uma matéria que você leu?

⁵ Personagens: Chrystiane, Giovana Nunes, Iacy Andrade, Inara Ramos, Luana Martins, Renilce Nóbrega e Rudhiery Fernandes. Sociólogo: Vinicius Oriques. Cientista Político: André Cesar. Advogados especialistas em direito eleitoral: Narciso Fernandes, Rubens Beçak e Alexandre Rollo. Teólogos: Daniel Gouvêa, Hans Trein e Roberto Zwetsch

O produto apresentado “A urna no altar” se preocupou em encontrar fontes com as mais diversas opiniões para que a reportagem acontecesse de forma imparcial. Nenhum lado deve ser silenciado.

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 14).

Quando se fala da estruturação de uma reportagem literária, podemos citar a quebra das amarras do *lead* e a fuga consciente da pirâmide invertida. Esse gênero é o elo que permite a união simbiótica do fazer jornalismo e a expressão da construção literária. Muda-se o foco para, não apenas reportar o fato, mas também a forma como irá reportar.

2 JORNALISMO INVESTIGATIVO

Quando falamos de jornalismo, já está nas entrelinhas que estamos falando de investigação. Sequeira (2005) explica que mesmo que qualquer prática jornalística exija uma investigação, há uma categoria que se difere das outras – pelo processo de trabalho profissional e métodos de pesquisa e estratégias operacionais. Dessa forma, se define a importância da classificação do jornalismo investigativo.

Assim como o jornalismo interpretativo, o gênero investigativo surge como transformação das agências de comunicação. Segundo o autor, a partir do momento que o leitor passa a ser o objetivo do jornal, a transformação acontece, e assim surge o jornalismo investigativo.

“Só no momento em que o repórter passa a utilizar técnicas e estratégias que não fazem parte das rotinas dos trabalhos jornalísticos de atualidade a reportagem se transforma em reportagem investigativa.” Essas palavras vêm ao encontro da definição de jornalismo investigativo criado pelo repórter Antônio Carlos Fon: “Jornalismo investigativo é uma técnica que se pode aplicar em qualquer matéria, seja ela de esporte, de polícia ou de economia”. (SEQUEIRA, 2005, p. 74)

Uma das maiores diferenças entre o jornalismo investigativo e o de atualidade, é que o objetivo específico do primeiro gênero citado não se limita a informar o factual, mas visa detalhar os acontecimentos e denunciar situações que prejudicam a sociedade, em busca da “verdade jornalística”.

De acordo com Quesada (2005), os principais objetivos são: averiguar como operam as instituições públicas que afetam a vida dos cidadãos, mostrar a burocracia do sistema, e como se produzem os fatos que afetam o cidadão comum diariamente.

Para muitos, o jornalismo investigativo também pode receber o nome de “reportagem especial” e, também, “grande reportagem”. O autor Siqueira (2005), em coleta de depoimento de jornalistas, destaca a fala do repórter investigativo Percival de Souza.

[...] não importa a terminologia: o certo é que existe, realmente, um tipo de jornalismo em que o repórter precisa batalhar pelas informações, desenvolver técnicas próprias de apuração, ter uma metodologia para construir a reportagem. É o processo de trabalho do repórter que diferencia a reportagem investigativa de outros tipos de reportagem. (SIQUEIRA, 2005, p. 63)

Ainda há uma divisão do gênero em dois grupos, segundo Percival de Souza: a reportagem investigativa descritiva, onde o repórter vai a fundo para captar mais informações, entrevista várias fontes para interpretar o fato social e tem a narração descritiva como ponto forte da matéria.

No outro tipo de reportagem, o texto vem em segundo lugar, privilegiando-se os fatos que se quer denunciar, o repórter se lança como um “detetive”, onde busca estratégias para conseguir as informações necessárias. Ele precisa batalhar pela informação, descobrir quem pode desvendar um fato que está sendo escondido da sociedade, e para isso, usar uma metodologia especial. Mas é preciso sempre ter sensibilidade.

É importante ressaltar que o jornalismo investigativo traz para a discussão determinadas questões éticas, como apontam Waibord (2000) e Marchetti (2000):

Outros questionamentos éticos também devem estar presentes: a sociedade vai se beneficiar com o resultado das reportagens investigativas? Qual deve ser o comportamento do repórter investigativo, já que muitas vezes seu trabalho está situado na fronteira entre o direito à privacidade e o direito de informação da sociedade? Quais são os interesses afetados com a divulgação da reportagem investigativa? (Marchetti, 2000, p. 131)

Em resumo, pode-se considerar que o jornalismo investigativo é, além do princípio de ética dos jornalistas - o compromisso com a verdade -, toda uma forma estruturada de pré-apuração, apuração, leitura de dados, transcrição de resultados e escrita da matéria que vão definir que uma matéria é investigativa ou não.

3 A NARRATIVA DIGITAL

Canavilhas (2009) conta que é preciso entender que “os meios de comunicação estão diretamente relacionados com os métodos de difusão”. Sendo assim, o desenvolvimento do jornalismo online ou webjornalismo, há também um progresso na difusão de notícias. Nesse tipo de veiculação, existe a divulgação em diferentes canais, veiculação em múltiplos portais e a inserção de hiperlinks, que muitas vezes ajudam na narrativa da reportagem.

Por outro lado, devido a grande quantidade de informações que os leitores e consumidores de conteúdo online recebem, manter a atenção do público se tornou uma tarefa complexa, principalmente quando falamos de grande reportagem, por ser um texto mais extenso e profundo. A comunicação precisou acompanhar esse novo comportamento da sociedade para continuar cumprindo com seu papel.

3.1 Características do Webjornalismo

Uma das principais características do webjornalismo ou jornalismo digital, é a forma de apresentação do conteúdo. Normalmente, ao escrevermos um texto, já nos vem na cabeça a pirâmide invertida que se estrutura em organizar as informações de modo a responder as principais questões, acerca do que a reportagem traz, logo no início do texto. Portanto, o título é a síntese do texto e a primeira parte do texto a ser visto e por isso deve ser marcante. Já o primeiro parágrafo é formado pelo lead, que responde às perguntas principais sobre o texto: “o que?”, “quando?” “quem?” “onde?”. No corpo do texto estão presentes as informações mais detalhadas a respeito do fato: “por que?” e “como?”.

Porém, nos últimos anos, principalmente com o surgimento do jornalismo na Internet, a técnica ensinada de geração a geração no jornalismo, começou a perder o sentido devido às características únicas do ambiente digital. Canavilhas (2009) explica que a polêmica começou porque, a partir do momento que o espaço disponível de uma matéria no webjornalismo deixa de ser finito, há uma anulação de necessidade de cortes na matéria para adequar a um espaço.

Apesar da eficácia na transmissão rápida e sucinta de notícias, a aplicação desta técnica tende a transformar o trabalho jornalístico numa rotina, deixando pouco campo à criatividade e tornando a leitura das notícias pouco

atrativa, pelo que a importância desta técnica tem sido objeto de muitas polémicas. (CANAVILHAS, 2009, p. 29)

Quando o jornalista se prende as técnicas de jornalismo da pirâmide invertida, acaba limitando os gêneros jornalísticos e não há aproveitamento das potencialidades do hipertexto⁶, como descreve Salaverría (2005). É preciso lembrar que o jornalismo da pirâmide invertida foi criado e desenvolvido com foco no jornalismo impresso.

Dessa forma, Canavilhas (2009) diz que se prender a essa técnica para a produção web é negar as possibilidades mais interessantes do jornalismo digital, que a criação de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação.

Em lugar de uma notícia fechada entre as quatro margens de uma página, o jornalista pode oferecer novos horizontes imediatos de leitura através de ligações entre pequenos textos e outros elementos multimídia organizados em camadas de informação. (CANAVILHAS, 2009, p. 30)

O autor ainda aponta o fato de que, na web, é feita uma nova criação de pirâmide, que seria uma estrutura piramidal construída por camadas. De forma mais específica, por seis camadas de informação.

[...] uma primeira com o resumo do assunto; uma segunda com versões alargadas de alguns dos elementos dominantes, mas organizadas como elementos autónomos; um terceiro nível de informação com mais documentação de vários tipos sobre o assunto em análise; um quarto nível de enquadramento, com referências a outras investigações no campo de investigação; um quinto nível pedagógico, com propostas para discussão do tema nas aulas; por fim, a sexta e última camada com as reações dos leitores e suas discussões com o autor. (CANAVILHAS, 2009, p. 30)

O maior desafio do webjornalismo é fazer a audiência ficar o máximo de tempo, consumindo o máximo de conteúdo, visto que pode haver vários desvios de atenção por conta da série de informações e a rapidez em que uma pessoa vê a *timeline*. Por esse motivo, a estruturação de uma matéria na web pensa também na arquitetura, na organização hierárquica dos elementos multimídia e como eles se ligam.

⁶ A palavra hipertexto foi utilizada pela primeira vez nos anos 60 por Theodor Nelson, que definiu o conceito como uma escrita não sequencial, um texto com várias opções de leitura que permite ao leitor efetuar uma escolha. (CANAVILHAS, 2014, p. 4)

4 DIÁRIO DE BORDO

4.1 Pré-produção

O primeiro passo para a realização da grande reportagem, foi delimitar o tema do trabalho de conclusão de curso. Desde o segundo semestre da faculdade, trabalhei ativamente na política de Brasília, e logo quis tratar desse tema no trabalho de conclusão. Mas a ideia sempre foi trazer um fato que estivesse no dia a dia das pessoas e que não fosse tratado abertamente pela mídia. Assim, ao ampliar o meu olhar para a eleição de 2022, percebi um grande potencial de pauta ao falar da relação da igreja com a política partidária durante a campanha eleitoral.

Foi então que, neste último semestre de 2022, defini que seria sobre a influência que a pessoa que está ali no altar da igreja pode ter na hora do voto dos frequentadores do local. Comecei a refletir sobre pastores que também eram candidatos e podiam se predispor a falar sobre o tema no ambiente que pode ou não ser considerado certo, a depender de quem frequenta. Conhecia algumas histórias contadas, mas principalmente pela relação que o atual presidente, Jair Messias Bolsonaro, tem ao falar de Deus e associar ao seu governo.

Desse modo, a ideia de optar pela grande reportagem ou por um livro-reportagem como produto experimental surgiu nas primeiras disciplinas acadêmicas, que abordam o Jornalismo Interpretativo e Literário, trazendo para a escrita uma profundidade e a construção de narrativa diferente. Mas, por conta dos contratemplos que existiram, decidi seguir com a grande reportagem e divulgá-la em formato multimídia, por meio de um site.

4.2 Produção

Partindo deste ponto, entrei no site de divulgação de candidaturas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), onde listei todos candidatos que tinham ligações com a igreja, fosse pelo nome com denominações como “Bispo”, “Padre” e também “Pastor” e também partidos que houvesse maior ligação com a igreja.

Após o levantamento, escolhi três igrejas onde os pastores fossem candidatos, foram elas: Ministério da Fé, ligados a Fadi Faraj (candidato a deputado federal) e Sandra Faraj (candidata a deputada distrital) - ambos do partido União Brasil; Núcleo da Fé, ligado ao Pastor Ibi (candidato a deputado federal) - do partido Social Democrático - PSD; Sara Nossa Terra, ligado ao Rodrigo Delmasso (candidato a deputado distrital) - do partido Republicanos.

Comecei a ir aos cultos das igrejas citadas acima de forma presencial, e às vezes on-line, foram dez cultos assistidos ao todo, durante a época de campanha eleitoral, que se iniciou em meados de agosto de 2022 até final de setembro de 2022.

Com as observações feitas, realizei um roteiro com as perguntas e procurei personagens que frequentam o Ministério da Fé, Núcleo da Fé e Sara Nossa Terra. Durante a procura por personagens, abordei pessoas assim que os cultos eram finalizados e nenhuma dessas pessoas aceitou dar entrevista sobre o assunto, outras foram abordadas por meio das redes sociais e também negaram por medo de represália ou por falar de forma negativa da igreja. Foram mais de 14 tentativas até entrevistar os seis personagens que estão presentes na matéria. Iniciei o processo em outubro de 2022 e finalizei na primeira semana de novembro de 2022. O contato se deu via mensagens de texto e ligação para complementar informações.

Para entender melhor o cenário dentro das igrejas, entrei em contato com mestres de teologia e para fazer uma breve análise dos frequentadores, um professor de sociologia, e quanto ao cenário político partidário, entrevistei cientista político e também advogados especialistas em direito eleitoral.

O Ministério Público do Trabalho (MPT), o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) e o Ministério Público Federal (MPF) foram contatados para levantar números de casos de assédios eleitorais que ocorreram durante a eleição de 2022.

As imagens e vídeos foram registradas durante o período frequentado na casa de Deus, entre meados de agosto de 2022 até setembro de 2022, e também retiradas das próprias redes sociais e sites das igrejas.

A produção do texto ocorreu de forma simultânea às visitas e entrevistas realizadas, além do levantamento das informações, mas foi finalizada no início de novembro de 2022. Passou pela edição do meu orientador, Luiz Cláudio Ferreira, diversas vezes.

Por fim, em meados de novembro, todo o conteúdo (fotos, áudios, vídeos, links e texto) foi organizado, editado e devidamente identificado para ser hospedado em um site.

4.3 Pós-produção

Com o conteúdo da grande reportagem reunido e dividido em pastas, por meio do Google Drive, comecei a layoutar o site de acordo com que a proposta do trabalho se encaixaria. A plataforma escolhida foi o WIX, por ser intuitivo e oferecer recursos acessíveis.

No dia 25 de outubro, iniciei a inserção dos materiais na plataforma. O site foi publicado com todas as edições finais, diagramação e processo de vincular o próprio domínio no dia 20 de novembro e está disponível em: <https://www.aurnanoaltar.com.br/>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decidir falar sobre a relação da igreja e da política partidária, eu imaginava que seria um tema complexo pelas questões envolvidas, sendo elas: a lei, a igreja, os fiéis, a representação política e a alienação. Durante o encaminhamento da pauta e elaboração desse documento, foram destacados pontos do porquê propagandas feitas na igreja não são penalizadas por lei e também como as pessoas as aceitam.

Na legislação, foi estabelecida normas sobre as eleições apenas em 1997, com a Lei nº 9.504/97, onde as cláusulas são atualizadas a cada eleição. Desde o começo existiram artigos específicos sobre a veiculação de propagandas, mas que se encontram desatualizadas e deixam brechas para que candidatos não sejam punidos por agir de forma contrária à lei. Por conta disso, ações não são penalizadas, como no caso citado da distribuição de santinhos feita na porta da igreja, onde pôde ser realizada por estar fora do terreno da casa de Deus.

Entre outros problemas, é possível destacar a falta de fiscalização em relação a propagandas, as investigações de denúncias voltadas a esse assunto e também a forma em que esse tema é julgado, que muitas vezes não tem resultados e o candidato continua livre e desimpedido.

Além disso, durante o encaminhamento da pauta, foi possível fazer uma análise de como a sociedade se porta diante dessas situações. Pude concluir, com a opinião dos entrevistados, que as pessoas com mais idade na reportagem costumam acreditar que a propaganda política partidária na igreja realmente é certa, enquanto pessoas mais jovens acreditam não ser.

Segundo observado, as pessoas mais novas pensam que o espaço da igreja deve ser para se falar de Deus e também do que acreditam ser certo de acordo com a Bíblia. Ademais, mostram que eles têm opiniões formadas que não foram influenciadas pelo ambiente que frequentam e não tem medo de serem julgados pela opinião ser diferente do que os pastores pregam.

Portanto, tendo em vista que este produto trata-se de uma grande reportagem que tange a cobertura crítica social, este trabalho é a porta de entrada acadêmica para me aprofundar nas pesquisas e fazer um mestrado na área de jornalismo investigativo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, v. 7, p. 73-84, 2006.

FUKS, Mario; FERREIRA, Matheus G. M. **O hábito de frequentar cultos como mecanismo de mobilização eleitoral**: o voto evangélico em Bolsonaro em 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/fWvcZ49qvhjrpB9dNBK6sxB/?lang=pt>. Acesso em: 17 nov. 2022.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 2000.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARCHETTI, Dominique. La révélation du journalisme d'investigation. **Actes de la Recherches en Sciences Sociales**, n.131-132, mar. 2000.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog journalism in South America**: news, accountability and democracy. Nova York: Columbia University Press, 2000.

APÊNDICE A - REPORTAGEM

EM NOME DO VOTO

Em cultos evangélicos durante o período de campanha eleitoral no Distrito Federal, a propaganda eleitoral e a indignação da maioria dos frequentadores se tornou comum

Ao subir ao palanque, uma pessoa consegue voltar a atenção de todos para si. Um refletor de luz amarela direciona o olhar ao ponto mais alto, o dono da palavra. O frequentador, ao entrar na igreja, escuta o louvor e emerge naquela experiência à procura da resposta para o que precisa. De repente, entre cada verso de louvor, as pessoas continuam a procurar uma resposta. Versículos da Bíblia são escutados, mas quem está no palanque lembra que o futuro do Brasil está nas mãos dos candidatos.

(ARTE COM VERSÍCULO) Respondeu Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. - João 14:6.

A reportagem, assim que entrou a igreja escutou que “Precisamos falar de política sim, para falar de Jesus”, fala de Alice Batista, esposa do candidato a deputado federal, Pastor Ibi (PSD), não eleito em 2022, na igreja Núcleo da Fé, localizada no Núcleo Bandeirante, região administrativa do Distrito Federal. Ninguém interrompe as falas no espaço, que era para ser destinado à fé por tratar também de política partidária. Um lugar aberto, onde as pessoas têm o costume de frequentar, vira um comércio de número, de promessas e vaidades.

Durante uma campanha eleitoral, uma das batalhas mais difíceis a serem vencidas, é cumprir a “agenda”. Quem escutará um desconhecido? Quem abrirá as portas da casa para escutar propostas em um momento que todos desacreditam da política? É nessa hora que a igreja aparece nos pensamentos de diversos candidatos e se tornam palanques.

Entre um versículo e outro, o pastor eleva a voz: “Vocês sabem que as pessoas não querem votar em quem tem chance de perder. E qual é a medida das pessoas? O tanto de adesivo que tem na rua”, declara o candidato a deputado federal e pastor, Ibi a toda igreja. “Se vocês puderem emprestar o vidro do carro de vocês por seis dias [referindo-se ao período até o dia da eleição]. Hoje ainda tem gente adesivando na porta da igreja.”

lacy Andrade, professora da educação infantil e frequentadora da igreja há mais de 20 anos, disse à reportagem que o Núcleo da Fé começou a se pronunciar sobre política na eleição de 2018 “Era uma pauta que não era citada dentro da igreja, porque era a postura do pastor [...] Mas de quatro anos para cá [desde as eleições de 2018], ele já sentiu a necessidade de estar conversando, colocando posicionamento dele de alguma forma, até para alertar as pessoas”, completa lacy.

Ela disse que o pastor nunca se posicionou a favor de um partido ou candidato. Normalmente só havia pedido de orações pela nação, por um Brasil melhor e para os fiéis entenderem a importância de participar e votar de quatro em quatro anos.

lacy acredita que é comum e realmente deve acontecer esse tipo de pronunciamento dentro da casa de Deus. “Somos seres sociais, devemos nos inteirar de tudo de qualquer tema. Eu não concordaria se tivesse um direcionamento, se eu fosse obrigada de alguma forma me sentiria ferida. Mas da forma como ele faz, eu acho uma forma honesta, né? É justa, não é uma forma que me sinto agredida.”

Milagres

FOTO

Não só a igreja, mas os fiéis viraram instrumento de campanha eleitoral durante a eleição de 2022. Em meio a uma “Quarta de Milagres”, como denomina a igreja Ministério da Fé Sede, em Taguatinga Norte, a Bispa Sonia Hernandez diz: “No domingo vamos estar contando a vitória [...] É tão incrível que o número do apóstolo [se referindo a Fadi Faraj] é o dobro [4422 - fazendo referência ao número do presidente Bolsonaro que é 22] e o da Sandra é com um zero a mais [44022].” Nenhum dos dois se elegeram. Ao sair da igreja no final do culto, a reportagem flagrou uma equipe de campanha entregando panfletos, adesivos e pregando adesivos nos carros na porta de saída.

São tantas referências à política, que Luana Martins, congregadora do Ministério há 15 anos, contou à reportagem que os pastores escolhem orar por certos candidatos, e, por isso, resolveu se afastar da igreja.

“Eu como uma pessoa religiosa, acho isso errado. Eu acho que você tem que orar por todos, e pedir para Deus colocar o presidente certo no nosso Brasil, e não

orar por um presidente específico. Entender qual é a vontade de Deus”, afirma Luana Martins

Em Brasília, capital do país e centro da política, esse tipo de abordagem nas igrejas pareceu, durante a apuração para esta reportagem, ser mais comum que o normal. São tantas igrejas que possuem líderes que concorreram a uma vaga na Câmara Legislativa ou até mesmo no Congresso Nacional.

Na eleição de 2022, só no Distrito Federal, de acordo com o site de divulgação de candidaturas do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), foram 13 candidatos a deputado distrital que têm no nome de urna denominações como “Bispo”, “Padre” e também “Pastor”. Já como candidatos a deputado federal, tinham quatro políticos com essas denominações.

Não se falava no culto do Ministério da Fé em Taguatinga Norte apenas de candidatos a deputado distrital e federal, ao terminar a fala que citava a numeração de Fadi e Sandra Faraj, a bispa também citou que “Ninguém vai votar no número azarado [13]” e voltou a repetir “Eu queria pedir, nós vamos orar pelo nosso Brasil. Gente, eu sou tão brasileira, sou brasileira por dentro, brasileira por fora. Eu amo minha bandeira, quando eu canto o hino nacional que quando terminar eu quero bater palma”, completou a fala.

Desde 2018, a bandeira e a camisa da seleção brasileira são associadas à imagem do atual presidente, Jair Messias Bolsonaro, e essa referência é usada de forma contínua dentro das igrejas.

O fiel Rudhiery Fernandes, que é jornalista de 24 anos, também frequenta o Ministério da Fé, há 1 ano, mas em Águas Claras [região próxima a Taguatinga, onde fica a sede]. Ele relatou à reportagem que via muitos políticos indo a igreja para usar o altar de palanque, para ter uma presença ali e tentar ganhar votos, que muitos pediam oração e que era difícil acreditar que realmente iam para adorar a Deus ou ações semelhantes. “Dá para ver que tem outras intenções, segundas intenções, que é mais para pedir votos ali na igreja, né?”

O jornalista não acredita que o movimento político partidário dentro da igreja esteja certo. “Eu, como cristão, me baseio na Bíblia, no que a Bíblia diz, não vou pelo que o homem está falando [...] A bíblia é bem clara a respeito dessas questões de política na igreja”.

Ao mesmo tempo, ele acredita que a igreja deve tomar um partido daquilo que crê, sobre o que vai contra a Bíblia. “A igreja pode falar sobre esses assuntos,

mas não envolvendo a política, não apontando candidato, mas sim orientando o que deve. [...] Seguir o que o Livro Sagrado diz, não do que os candidatos estão falando porque a gente sabe que muitos ali falam no momento da eleição, no momento que eles querem alguma coisa. Mas quando acaba o período, nunca fazem nada”.

Segundo o frequentador, o Ministério da Fé localizado em Águas Claras não deixa candidatos subirem no altar. Ele avalia que a igreja faz o papel de olhar pela pessoa, de levar uma palavra de esperança para a vida dela.

“Mas eu acho que com certeza teve igrejas que deixaram subir ali e citaram as pessoas a votar [...] Óbvio que tem muitos candidatos dentro da igreja que fazem propostas ali para ganhar votos. Mas é claro que aí é com eles né? Se eles estão mentindo ou não, eu vou mais pelo que as propostas dele estão mais cabíveis a bíblia”.

Influência dos jovens

FOTO

Na igreja Sara Nossa Terra (na sede do Sudoeste), em Brasília, é possível verificar como as pessoas podem ser influenciadas a trabalhar de forma voluntária para as campanhas. E foi isso que Chrystiane, gestora de recursos humanos, contou à reportagem. Ela recebeu uma mensagem da amiga pedindo para responder o formulário, para ajudar o filho a bater uma meta no grupo de jovens da igreja.

Chrystiane responde, e quando menos espera, recebe uma ligação da coordenação de campanha de um candidato para saber se ela realmente votará nele. Uma contagem de votos escondida. Ela bloqueia o número e começam a ligar repetidamente.

A amiga continua orientando a apenas bloquear o número. Mas a coordenação da campanha já tinha os dados, e assim, a cada dia continuava a juntar dados de mais pessoas, por uma meta de jovens que frequentam a igreja. E esse espaço, que era para ser um espaço de fé, é usado para outros interesses.

A universitária Giovana Nunes, 21 anos, que estuda administração, cresceu dentro do Sara Nossa Terra, disse que durante as campanhas eleitorais, existiram candidatos que foram à igreja, mas não eram representantes de lá.

“Alguns candidatos de fora como o Fadi Faraj, André Kubitschek, pediam toda vez que havia eleição para os bispos orarem por eles. Eles não falam nada,

quer dizer. um deles falou, mas não foi de livre espontânea vontade. Mas eles ficam indo até a igreja e pedindo para as pessoas orarem por eles, entendeu? Uma maneira de fazer campanha, né?”.

Na igreja Sara Nossa Terra, a reportagem foi informada que o próprio pastor que congrega há 12 anos no local, Rodrigo Delmasso, atualmente deputado distrital e vice-presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal (CLDF), em 2022 tentou reeleição mas ficou apenas como suplente.

Mesma direção

Para Renilce Nóbrega, pesquisadora do Instituto de Pesquisas Cananéia (IPEC) e frequentadora da igreja há 5 anos, a religião e a política caminham na mesma direção. “Porque você quer eleger um candidato da sua confiança, uma pessoa que tenha propostas parecidas com o que você acredita e espera. Então não vejo nenhum mal nisso”.

“O candidato já era da igreja, não foi uma pessoa de fora que apareceu aleatoriamente, entrou na igreja e fez a cabeça de todo mundo [...] Eu votei nele [se referindo a Rodrigo Delmasso], que é uma pessoa que confio porque acredito nas propostas dele. Acredito que eu não fui influenciada, porque hoje em dia todo mundo tem estudo. Não somos pessoas que tem uma venda no olho, que qualquer pessoa pode fazer a cabeça da gente não”.

Pela análise da sociologia, o professor Vinicius Oriques disse que as pessoas são levadas a acreditar que realmente algumas pautas políticas ameaçam a moral cristã. “Se você não combater isso, não frear isso, vai criar uma certa resistência em toda moral cristã e em toda sociedade cristã”.

Protestos nas redes

(CAPTURA DE TELA DO *INSTAGRAM*)

A fiel Inara Ramos, bailarina profissional e estudante de filosofia, no primeiro turno das eleições, resolveu postar sua opinião nas redes sociais, o que alcançou uma visibilidade imensa para o tema. A estudante resolveu opinar que não concorda com a relação política partidária e a fé serem tratadas no mesmo ambiente.

“Ver a coisa mais valiosa da minha vida assim, sendo instrumento de manipulação me deixa muito mal. Isso foi uma das coisas que me influenciou a sair da minha antiga igreja [Igreja Batista Sobrenatural, localizada na região administrativa do Gama, no DF] porque eu ouvia coisas lá também [...] Eu não acho que a casa de Deus seja o lugar para falar de política partidária, nem para pedir votos. Eu acho importante que as pessoas sejam instruídas a estudar sobre doenças, artes, política, mas não de forma partidária.”

A estudante frequentou a Igreja Batista Sobrenatural desde que nasceu até os 19 anos, e relatou à reportagem que eles falavam em quem iriam votar, faziam campanhas, principalmente para deputados distritais e federais, chegavam a ir ao altar, onde os fiéis oravam por eles e os abençoava. O pastor chegava a falar para quem frequentava o espaço a seguinte frase: “Você sabe que vai ter que votar em alguém da igreja, né? Porque você acredita lá”.

O ano de 2022 foi o primeiro que Inara votou, então em outros anos, ela apenas observava a movimentação dentro da igreja. Normalmente, via muitos políticos entrarem na casa de Deus para os fiéis orarem por eles, abençoarem para conseguirem a vitória e se elegerem.

Ao ser perguntada a opinião da estudante, ela afirmou que não acredita ser certo de forma alguma. Ela acredita que muita gente no interior, nas periferias que depende da igreja pelas ações sociais acaba sendo levada a votar pelo pastor. “Por exemplo, a igreja entrega uma cesta básica, e você precisa da igreja para comer. Aí o pastor dessa igreja fala que você tem que votar em tal candidato porque o outro é amaldiçoado”.

Os pastores têm muita influência dentro da igreja, segundo Inara. “Tem muita gente ignorante dentro das igrejas, que não são por opção, mas pela vida mesmo. Às vezes não dá para estudar, não tem acesso à informação. Então vai confiar nas pessoas que ela considera autoridade, que são os pastores, enfim aquelas pessoas ali [...] Quando expressei minha opinião abertamente contra o Bolsonaro, parecia que eu era rebelde, tipo: ‘como você fala contra os pastores assim?’”.

Entrada facilitada

Segundo o sociólogo Vinicius Oriques, ao analisar as camadas mais desfavorecidas vemos a influência que a igreja evangélica leva nas comunidades. “Em comunidades mais pobres, você vê três, quatro até cinco igrejas evangélicas,

neopentecostais do que ver uma paróquia católica ou qualquer outro tipo de igreja [...] Nessas comunidades mais carentes vemos a entrada da igreja evangélica com mais facilidade, e com esse caráter social que a igreja tem, de coerção de autoridade moral, de liderança, ela consegue convencer o fiel de que alguns políticos tem pauta contra os ideais da igreja, até mesmo jogos de caráter”.

O professor de ciências sociais relembra que os brasileiros têm costume de entregar essa carga de influência, de autoridade à igreja, principalmente ao que dizem.

Inara diz que não acredita que esse tipo de movimento seja certo dentro da igreja, pois isso pode causar uma saída repentina de fiéis, como ela, que trocou o lugar que frequenta. “Cada cidadão tem que ter o direito de escolher em quem ele quer votar, ele tem que ter essa liberdade, inclusive dentro da igreja não ser julgado pelo voto como se ele fosse mais crente ou menos crente. Eu nunca votei no candidato indicado pela igreja ou porque ele pediu num culto, por exemplo. Eu votei baseado em pesquisas.”

De todos entrevistados, Rudhiery, Giovana (citados anteriormente) e Inara, fizeram a mesma colocação, que os candidatos realmente estão ali para pedir oração, mas também para garantir os votos dos fiéis presentes no local.

O Ministério Público do Trabalho denunciou 2964 casos de coação de empresários durante as eleições de 2022, sendo 50 apenas no Distrito Federal. No entanto, o MPDFT não teve nenhum registro de assédio eleitoral dentro das igrejas. Porém o aspecto religioso tem o caráter dogmático e acaba com mais força, porque a pessoa é fiel a palavra de Deus, fiel ao pastor que está ali no altar por ser um servo de Deus, afirma o sociólogo.

Ao fazer uma análise do cenário, o cientista político André César disse que esse cenário não é uma grande novidade, mas em compensação, é possível ver o crescimento da participação das igrejas, em especial as evangélicas neopentecostais: Universal, Assembleia de Deus, Sara Nossa Terra e afins, que foram ganhando espaço e maior protagonismo político até chegar a se tornarem um fator muito importante em todo processo político eleitoral do país. Em 2022, foi atingido o ápice do movimento.

André Cesar, cientista político comentou que o Brasil teve uma maioria católica, mas podemos ver o avanço da participação dos evangélicos, na política eles representam cerca de 30% da população, e por isso os políticos tentam fazer

valer as suas demandas, o que aumenta a pressão e acaba retirando a laicidade do estado e transformando a república num sistema teocrático.

Vinícius Oriques, sociólogo conclui o seguinte: “O que é triste ter que lembrar que o nosso estado é laico, que a religião não deveria influenciar como ela vem influenciando.”

Todos os candidatos citados foram procurados mas não obtivemos retorno até o momento da publicação da reportagem (em novembro de 2022). O espaço está aberto a novos posicionamentos das pessoas citadas.

EM NOME DE DEUS

“Um pastor jamais deveria usar o púlpito da igreja para pedir votos, seja para ele, seja para outra pessoa. O pastor tem uma função específica que é pastorear, se ele deseja ser um prefeito, presidente ou exercer um cargo político, este pastor deveria se ausentar da função e trabalhar apenas na política”, afirma o teólogo Daniel Gouvêa.

Ele contextualiza que a política e a fé sempre caminharam juntas, principalmente por ambas acontecerem no espaço público. Sob a perspectiva histórica, Deus concedeu para o homem na terra, a função justamente de governar e administrar a terra como diz no Livro de Gênesis (1:26). O homem foi colocado ali para dominar sobre os peixes do mar, aves, entre outros animais, afirma o especialista. “Nesse sentido, governar a terra, administrar a terra era uma atitude de fé, de devoção a Deus”.

Entretanto, a relação começou a ser questionada, quando, no capitalismo liberal, houve um foco exagerado no indivíduo e a fé passou a ser assunto de foro íntimo de cada pessoa, e quando a fé passou a ser considerada algo apenas relativo à excelência, explica o mestre em Teologia, Hans Trein.

Muitos se perguntam se é possível conciliar a fé e a política. O Evangelho tem uma dimensão social e política, onde a ética e a moral fazem parte da fé. Por outro lado, a fé não é conciliável com a política partidária dentro de um mesmo espaço, seja ele a igreja ou a sede do partido.

“Partido sempre é apenas parte [...], partidos passam a abusar dos símbolos nacionais e impor uma espécie de ditadura mental à nação. Pensam ser a totalidade, quando são apenas a parte. É totalitarismo”, completa.

Ao relembrar a Idade Média, podemos ver que houve uma tentativa de retomada da unificação da religiosidade e estado na Igreja Católica Romana, com o advento da renascença, do iluminismo. “As pessoas perceberam que quando se juntava o poder religioso com o poder político não andavam muito bem”, afirmou Daniel Gouvêa.

A Igreja e o Estado estão em esferas distintas, mas esse fato não quer dizer que eles não possam manter diálogo e uma esfera influenciar a outra. “Quando as pessoas usam a igreja para fazer política, e usam a política para fazer igreja, isso é um grande erro. Essa união da igreja e estado como se fossem uma coisa só, ela não é positiva. São coisas distintas que podem dialogar, mas cada uma tem sua função específica”, disse o teólogo.

Além disso, o político tem a função específica de governar com igualdade para todas as pessoas, independente das crenças. Elas podem influenciá-lo a ser justo, honesto e coerente, mas ele não pode obrigar as pessoas a crerem como ele, por exemplo. E ele não pode usar da sua influência política para beneficiar as pessoas da sua crença e deixar outras de lado, conclui o teólogo.

Roberto Zwetsch, pastor evangélico de confissão luterana e mestre em teologia, completa o pensamento do outro especialista da seguinte forma:

“O espaço de culto não é nem pode ser apropriado por qualquer instância de poder político, de governo ou o que se assemelhe. E se ocorrer, isto significa uma violação do direito à liberdade religiosa e de consciência das pessoas crentes ou membros da comunidade de fé.”

A fé cristã é e sempre será uma fé contextualizada, que não se pode proteger de forma excessiva separada. O resultado dessa alienação por parte dos fiéis da igreja resultou na eleição significativa de políticos do campo evangélico que adotam e praticam teses consideradas fascistas que já tivemos no país, como a bancada evangélica somada a bancada da bala, afirma o mestre em teologia, Zwetsch.

“Orientação de votos em fulano ou ciclano não cabe à igreja e muito menos a pastores! O voto não é um ato de fé!”, comenta Hans Trein.

Ao ler a carta pastoral da direção da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, vimos a seguinte informação: “o tema Igreja, Economia e Política é fruto da reflexão do Reformador Martim Lutero, para ele, a igreja, a economia e a política existe porque Deus estabeleceu essas três ordens, e toda pessoa participa dos três âmbitos, são modos pelos quais Deus atua e através dos quais o ser humano

coopera com Deus. Fé e ação política não são excludentes, mas a Igreja de Cristo não pleiteia uma teocracia como forma de governo”, conclui a carta. A teocracia é um sistema de governo em que o poder político se encontra fundamentado no poder religioso.

E A IGREJA CATÓLICA?

A igreja católica incentiva os cristãos a tomarem parte ativa no pleito eleitoral, pois “a política é uma maneira exigente, se bem que não seja a única, de viver o compromisso cristão, ao serviço dos outros” (São Paulo VI, Octogesima Adveniens, 46).

No entanto, a Igreja proíbe expressamente que padres e diáconos filiem-se a partidos políticos. “Não tomem parte ativa em partidos políticos ou na direção de associações sindicais, a não ser que, a juízo da autoridade eclesiástica competente, o exija a defesa dos direitos da Igreja ou a promoção do bem comum” (cf. cân 287 § 2 do Código de Direito Canônico).

EM NOME DA LEI

A livre manifestação de opinião é permitida por lei, e nessa medida um fiel, um membro da igreja tem o direito garantido de realizar livre manifestação de voto e opinião, desde que seja individual.

A situação apresentada na reportagem “Em nome do voto”, onde a bispa Sônia Hernandez fez uma fala se referindo ao número do apóstolo Fadi Faraj, poderia ser caracterizada como propaganda eleitoral, de acordo com o advogado eleitoralista, Narciso Fernandes. A propaganda eleitoral é toda propaganda que visa convencer as outras pessoas a votarem em determinado candidato.

O problema da propaganda na igreja, é que as pessoas estão, de certa forma, sensibilizadas àquelas pessoas que são ali apresentadas, pois elas são apresentadas com argumentos religiosos que atingem a boa-fé das pessoas, tornando-se quase irresistível o pensamento contrário. Por isso, a propaganda nos locais de culto se caracteriza como abuso, disse Narciso.

Por mais que a cada eleição, a pena para esse tipo de crime eleitoral avance, ainda existem muitas lacunas normativas que abrem espaço para que a cassação seja rejeitada pelo tribunal. No passado, essa prática era residual e não tinha tanta

observação dos órgãos eleitorais, mas ao longo do tempo foi se tornando cada vez mais abusiva e merecendo uma atenção especial dos órgãos competentes, completa o advogado.

Ao relembrar dos considerados showmícios, é importante destacar que para ser considerado um comício dentro da igreja é necessário ter apresentação de músicas, cantorias, além do candidato falando o tempo inteiro, pedindo voto e fazendo campanha. Segundo Alexandre Rollo, especialista em direito eleitoral, ele acredita que uma fala breve da pessoa, por volta de dois minutos, nem seja considerada showmício, mas simplesmente uma propaganda indevida.

A reportagem também presenciou a distribuição de santinhos e adesivos na saída da igreja Ministério da Fé, em Taguatinga Norte. Porém, como a distribuição foi feita na calçada que é uma via pública, o candidato pode entregar os panfletos que não tem nenhum problema. “Se for dentro das dependências das igrejas, dentro do terreno não pode. Mas na parte de fora do imóvel, na calçada, por exemplo, não haverá nenhum problema na entrega de qualquer tipo de material impresso”, completa o especialista.

A cada eleição, a jurisprudência da Justiça Eleitoral está cada vez mais dura, “podemos dizer que está radical num bom sentido, de vedar abusos, que podem ser de qualquer natureza, evitar que candidatos com maior poder econômico ou com maior inserção num reduto já possam se valer disso para ter uma preponderância no resultado”, completa o professor Rubens Beçak, especialista em direito eleitoral na Universidade de São Paulo (USP).